



O LULISMO E A ELITE DO ATRASO: DISCURSOS, DESAFIOS E PERSPECTIVAS DE UM EMBATE POLÍTICO EM CONSTANTE TRANSFORMAÇÃO

Daniel Andres Baez Brizuela¹

RESUMO: Este artigo visa se debruçar sobre o tema “*O Lulismo e a Elite do atraso: discurso, desafios e perspectivas de um embate político e constante transformação*”. O tema escolhido suscita importantes indagações a respeito da figura pública do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que ao longo dos anos alimentou no imaginário do povo brasileiro e continua alimentado em uma grande parcela da sociedade que lhe confere como o político que mais enfrentou a Elite conservadora brasileira. Ao avançar na compressão histórica, sociológica e política da construção do Lulismo ficará evidenciado que este movimento de força política não surge por um azar da história. Ela é consequência de uma soma histórica de desigualdade e de miséria. A mesma desigualdade e miséria produzida e fortalecida pela elite do atraso ao longo da história política brasileira.

Palavras-chaves: Lulismo e Elite do Atraso; Discurso; Filosofia; Ciência Política.

LULISM AND THE DELAY ELITE: DISCOURSES, CHALLENGES AND PERSPECTIVES OF A POLITICAL IN CONSTANT TRANSFORMATION

ABSTRACT: This article aims to address the theme “*Lulismo and the Elite of delay: discourse, challenges and perspectives of a political clash and constant transformation*”. Analyzing the Brazilian political reality that complements the political and the questions about the elite will always be an unfinished challenge. Even more, making a cut, on a specific theme, to analyze in an article the questions proposed the specific and general objectives bring with them important challenges. The chosen theme raises important questions about the public figure of ex-president Luiz Inácio Lula da Silva, who over the years has nourished the imagination of the Brazilian people and continues to nourish a large part of society that gives him as the politician who faced the most. The Brazilian conservative elite. By advancing in the historical, sociological and political understanding of the construction of Lulismo, it will be evident that this movement of political force does not arise by chance of history. It is the consequence of a historical sum of inequality and misery. The same inequality and misery produced and strengthened by the backward elite throughout Brazilian political history.

Keywords: Lulismo and elite of delay; Discourse; Philosophy; Political science.

¹ Professor CRES no Colegiado de Letras Português/Espanhol do Campus da Unespar – União da Vitória. Possui Licenciatura plena em Letras e Filosofia pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR). E Bacharelado em Ciência Política, Curso superior em Marketing e Sociologia pela UNINTER. E-mail: danan1011@hotmail.com



Artigo publicado em acesso aberto sob a licença Creative Commons Attribution 4.0 International Licence.



INTRODUÇÃO

Abordamos neste artigo o tema: “*O Lulismo e a Elite do atraso: discursos, desafios e perspectivas de um embate político em constante transformação*”, o tema abre um amplo leque para ser analisado dois conceitos que se entrecruzam na história política brasileira. Por um lado, um movimento político de cunho personalista com a figura carismática de cunho populista do político Luiz Inácio da Silva, e por outro lado, a presença da Elite do atraso, que historicamente pertence a um seleto grupo de ostentadores do poder por excelência que incluem o poder da elite político e a elite econômica. Para isso formulamos as seguintes premissas: O lulismo foi capaz de dialogar e estabelecer um projeto político independente da Elite do Atraso? O lulismo naufragou no seu intento emancipatório? A que custo político se estabeleceu uma aproximação entre lulismo e elite do atraso? Haverá mudança de postura do lulismo nos próximos embates eleitorais contra a elite do atraso? Ainda existe espaço para o Lulismo no debate político brasileiro? Houve desgaste político do lulismo no cenário político recente?

Os questionamentos que formulamos, suscita importantes indagações a respeito da figura pública é histórica do ex presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que ao longo dos anos alimentou no imaginário do povo brasileiro e continua alimentado em uma grande parcela da sociedade lhe conferiu a marca como o político que mais enfrentou a elite conservadora brasileira. Porém, existe outros entendimentos deste enfrentamento. O lulismo certamente ocupa um espaço importante na história política brasileira nas últimas quatro décadas. Poderíamos abarcar muitas outras questões, no entanto, realizaremos uma análise histórica e de cunho bibliográfico sobre o alcance e as perspectivas que envolve o nosso tema. Já alertamos ao leitor que neste artigo não tem por finalidade analisar o protagonismo do Lulismo na operação Lava Jato. Sabendo que virá outras análises do mesmo tema em outros artigos. É sabido a intenção de Lula de se candidatar para um terceiro mandato e assim dar continuidade su presença na arena política como um genuíno animal político, adotando um forte discurso, ora de confronto com a elite do atraso, ora, de aproximação e de diálogo como está acontecendo no momento atual. Nesse marco de confronto e aproximação o lulismo



continuamente se reinventando na arena política brasileiro com uma força insaciável de poder.

Para responder aos questionamentos anteriormente elencados analisaremos o conceito lulismo na história recente da política brasileira, com exceção dos anos 2017 a 2019, apresentaremos as análises de vários especialistas em diálogo com André Singer e Jessé de Sousa, propondo uma leitura paralela com outros autores e pesquisadores das áreas de Ciencia Política, Filosofia, Sociologia e história como Ricci (2006), Anderson (2011), Singer (2012), Souza (2017), Nunes (2018) entre outros, que nos auxiliaram nesta tarefas desde a ponto de vista da história, a filosofia, a sociologia e a ciência política como campo de conhecimento principais, mas não exclusivos, ainda, consultaremos obras específicos que tenha relação com o tema proposto através de análises de livros, revistas e entrevistas em Site especializado e periódicos de publicação no âmbito nacional e internacional.

2 O PONTO DE PARTIDA: METODOLOGIA DE TRABALHO

Analisar a realidade política brasileira que complemente o político e as questões sobre a Elite será sempre um desafio inacabado. Ainda, mais, realizar um recorte, sobre um tema específico, para analisar em um artigo as questões propostas nos objetivos específicos e gerais traz consigo desafios importantes. A política em constante movimento buscando-se adaptar as exigências da sociedade em que está inserido o cidadão.

Neste trabalho adotaremos a sugestão de Perissinotto & Codato em sua “*Metodologias para a identificação de elites*”: *três exemplos clássicos*”, na qual apresenta três formas possíveis de analisar a realidade política, da qual adotamos o segundo modelo proposto, pelo autor, o método decisional, que nas palavras do autor, se refere a uma tomada de decisões estratégicas:

O método decisional sustenta, por sua vez, que as pessoas com poder são aquelas capazes de tomar as decisões estratégicas para uma comunidade (ou influenciar as suas decisões mais importantes) e nem sempre se confundem com aquelas que ocupam as posições formalmente designadas como as mais relevantes (PERISSINOTTO & CODATO, p. 17, 2015).



A partir dessa reflexão, pode-se dizer, que perante os desafios que encontramos para interpretar e realizar uma leitura da realidade conforme as exigências do tema a ser analisado, por outro lado, é salutar buscar esclarecer o objeto de estudo do cientista político e como se formam as classes políticas. Nesse caminho, Perissinotto nos ajuda esclarecendo que toda comunidade humana *“é controlada por uma classe política, se essa classe é responsável pela condução da sociedade, então é necessário estudar como elas se formam e como elas se organizam”* (PERISSINOTTO, 2018 p. 45). Em toda sociedade humana existe uma Elite que toma as decisões de cunho político.

É nessa lógica organizativa que Perissinotto, afirma, que Mosca reconhece que as diversas classes políticas encontrada na história *“tendem à inércia, isto é, tendem a lutar pela manutenção do seu monopólio sobre o poder político”* (PERISSINOTTO, 2018 p. 34). Sendo assim, para analisar o tema proposto *“O Lulismo e a Elite do atraso: discursos, desafios e perspectivas de um embate político em constante transformação”* nos remitiremos a vários autores que incluem livros, revistas, entrevistas em site especializados de incidência nacional e internacional que segue e retratam a linha e os objetivos proposto neste trabalho.

Por isso, na busca de uma justificação do poder que tenta atingir uma durabilidade deve alcançar um princípio moral por excelência, na qual todo princípio de justificação do poder, que aliás, nas palavras de Perissinotto *“segundo Mosca, a uma genuína necessidade dos homens, a saber, de governarem e se sentirem governados não por uma força material e intelectual, mas sim por um princípio moral”* (PERISSINOTTO, 2018, p.38). Neste sentido, é importante ressaltar a importância de buscar os sentidos e a construção de tudo aquilo demarcou em um espaço do tempo e continua em evidencia.

Tendo como premissa a afirmação anterior e pensando na contradição e ambiguidade que fica evidenciado nesta pesquisa, afirmamos, a necessidade de uma análise ampla e objetiva do tema em questão. Sendo assim, para analisar um contexto histórico de cunho político é importante não esquecer a recomendação de Borges & Vidigal de que, *“o comportamento social e político está diretamente relacionado ao comportamento de grupos”* (2018, p. 56). É nesse quadro de análise ou perspectiva que desenvolveremos nosso percurso neste artigo. Ao tratarmos de um tipo de fenômeno político, filosófico, histórico e sociológico será



necessário enquadrar essa narrativa explicitando seu significado de forma mais aproximativa possível sem perder de vista o passado e as projeções para o futuro.

É nesse marco histórico é interpretativo que colocamos o lulismo e a elite do atraso e a relação existente entre si, seja de diálogo ou de afastamento, ou, de confronto ou aproximação. Foucault já alertava da importância de *“captar o poder na extremidade cada vez menos jurídica de seu exercício”* (FOUCAULT, 1979, p.182). Como veremos a seguir, existe ao longo das últimas quatro décadas uma contínua aproximação, diálogo e afastamento entre o lulismo e a elite do atraso.

2.1 O Lulismo e sua composição discursiva com a Elite do atraso

A composição discursiva que demarca a compreensão do lulismo nem sempre é possível delimitar com exatidão e com a devida clareza, já que continuamente opera movimentos, ora aproximativo e em outro momento de distanciamento. Ainda, assim, é importante descrever as aproximações já feitas sobre o tema para mostrar o quanto pode ser esclarecedora, *“O lulismo, em outros termos, é mais personalista e centralizador e busca a sua legitimação pela precisão técnica, pela negociação, pelo controle político e pela sedução do discurso afetivo da liderança partidária”* (RICCI, 2006, p. 171). Esta realidade nos leva a compreender com mais amplitude a origem do lulismo que se pode compreender desde uma faceta mais pragmática e flexível, neste sentido:

O lulismo é, portanto, uma nova faceta da organização, mais pragmático e flexível para com as forças políticas externas, buscando recompor a correlação de forças partidárias, na tentativa da montagem de um projeto hegemônico que sustente a sua reprodução política. Mas é mais inflexível com as forças internas do partido, porque mais controlador, mais centralizador e menos pluralista (RICCI, 2006, p. 171).

Ainda, segundo o nosso autor, dentro do lulismo encontramos três matrizes discursivas em seu cerne fundador:

O lulismo compõe-se de três matrizes discursivas mais nítidas que sustentam um equilíbrio dinâmico interno, assumindo um movimento pendular que privilegia, circunstancialmente, uma ou outra concepção. São elas: o pragmatismo sindical, o



vanguardismo e burocratismo partidário e o discurso técnico de gerenciamento do mercado (RICCI, 2006, p. 171)

A primeira matriz discursiva, que diz respeito, “*ao pragmático sindical*”, Ricci, ressalta que:

A primeira matriz discursiva que compõe o lulismo é originária da prática sindical desfechada pelo que em determinado momento a literatura especializada denominou de “novo sindicalismo”. O novo sindicalismo, contudo, não chegou a forjar um bloco muito unitário de dirigentes. Relatos de dirigentes sindicais rurais revelam uma primeira divisão, ainda no período anterior à fundação da Central Única dos Trabalhadores (CUT), entre a condução política de dirigentes urbanos em relação à incipiente organização sindical rural. Concentrados no sul do país e, principalmente, na região da denominada Amazônia Legal, esses dirigentes rurais haviam passado pelo trabalho organizativo das Comunidades Eclesiais de Base (CEB), pelos encontros da Comissão Pastoral da Terra (CPT) e pelas oposições sindicais (RICCI, 2006, p. 173 -174)

A segunda matriz discursiva, encontra seu lugar no “*vanguardismo e burocratismo partidário*”, neste sentido, Ricci, afirma:

A segunda matriz discursiva do lulismo funda-se na prática organizacional e no movimento político oriundo de um segmento partidário que se articulou internamente com graus diferenciados de estruturação e identidade, e cuja liderança ou força política nunca esteve diretamente vinculada à sua capacidade de representar ou mobilizar a base militante do partido. Este segmento político, cuja força reside em sua capacidade organizativa e administrativa iniciou sua projeção nacional em meados dos anos 80, a partir de um acordo político realizado no interior da Comissão Executiva da seção paulista do PT. Em outras palavras, é possível perceber que lideranças petistas carismáticas ou forjadas nas lutas sociais tiveram pouca influência em relação à estrutura organizacional e burocrática do partido, cedendo espaço político para este segmento político petista. A consequência imediata desta ação específica foi a construção da unidade de ação e controle da burocracia partidária, envolvendo especialmente as Comissões Executivas nacional e paulista do partido (RICCI, 2006, p. 176)

Já a terceira matriz discursiva, que permeia o lulismo se concretiza “*no gerenciamento técnico do mercado*” o nosso autor, ressalta:

Esta vertente, à semelhança das outras duas matrizes, rompe com uma tradição petista fundada desde os primórdios do partido e ganha importância no interior do partido e meados dos anos 90. Até então, a economia sempre esteve subordinada à construção da hegemonia política e raramente aparecia como uma dimensão autóctone, determinada por uma operacionalidade específica. Na campanha de 2002, contudo, dois documentos passaram a balizar um novo referencial de governança, inaugurada pelo lulismo: a Carta ao Povo Brasileiro e a



Agenda Perdida. O primeiro documento foi elaborado pela coordenação de campanha e fazia um anúncio ao mercado. Já a Agenda Perdida consolidou uma referência para um programa de governo que articulava e aprofundava algumas das promessas contidas na Carta ao Povo Brasileiro. O rol de políticas nele apresentado acabou por fundamentar vários documentos produzidos pela Secretaria Nacional de Política Econômica do Ministério da Fazenda, na gestão Lula (RICCI, 2006, p. 176-177)

As três matrizes discursivas em que se ancora o lulismo, ainda segue ativo e vigente. Porque elas estão demarcadas em um projeto de poder amplo. A primeira matriz segue sustentando a suas diversas bases eleitorais. A segunda matriz, ainda lhe confere um imenso poder de cunho intrapartidária. E a terceira matriz é o que o alavanca para uma relação ora de proximidade e ora de distanciamento entre o Lulismo e a Elite do atraso. O gerenciamento técnico do mercado ajuda ao lulismo a se infiltrar e a transitar entre um discurso de conciliação por vezes com roupagem eleitoreira e outra de forma menos incisiva, a dimensão revolucionária. Os últimos movimentos do lulismo se dá de forma mais agressiva cooptando figuras proeminente da elite do atraso como Geraldo Alckmin na atualidade. Justamente estas aproximações e distanciamentos que torna o lulismo atual, seja no campo político, econômico e social um movimento versátil e pragmática:

O lulismo pode ser compreendido como uma tentativa de gerenciamento do Estado e da governabilidade política. Refere-se, portanto, ao campo estrito da engenharia política, não se constituindo num projeto de desenvolvimento. Enquanto modelo gerencial, o lulismo possui uma natureza sistêmica, voltada para sua própria existência, ressentindo-se de impasses exógenos, não previstos. Em outras palavras, possui uma ação marcada pelo pragmatismo que objetiva sua manutenção e reprodução enquanto força política (RICCI, 2006, p. 178).

Certamente, o pragmatismo e não o populismo será o primeiro e grande motor propulsor dos constantes movimentos de ressignificação na força política que o lulismo utilizará em sua relação com a elite do atraso. A composição Lula/Alckmin reflete que na contemporaneidade o gerenciamento técnico do mercado é o grande ator desta aproximação. Lula/Alckmin buscaram estrategicamente desestabilizar e enfraquecer o último bastião do bolsonarismo gerencial o mercado financeiro, neste caso, a intenção é dividir e contra-atacar em nome do discurso civilizatório e democrático. Porém, para compreender esta realidade



atual em que esta inserido o lulismo, analisaremos a história, os acontecimentos e as implicações que nos trouxeram até aqui.

2.2 O Lulismo e a Elite do atraso: história, acontecimentos e efeitos

Para compreender o lulismo como fenômeno político é importante fixar como ponto de partida as constatações de Singer, que, afirma: *“O lulismo existe sob o signo da contradição. Conservação e mudança, reprodução e superação, decepção e esperança num mesmo movimento”* (SINGER, 2012, p. 7). Justamente essa contradição que irá criar um caráter ambíguo de um fenômeno difícil de ser interpretado por simples paixões ideológicas ou por mero fanatismo político de oposição. O movimento de conservação e mudança, reprodução e superação, assim como a decepção e a esperança, demarca o território controverso em que está inserido nossa análise. Em outra palavra, o lulismo não se imobiliza, não se anula, não se destrói pela raiva ou pelo simples discurso de ódio. Mas, como nos lembra Singer, *“é preciso arriscar os sentidos, as resultantes das forças em jogo, se desejamos avançar a compreensão do período”* (SINGER, 2012, p. 7). Compreender o passado é o maior desafio que a teoria nos interpela para interpretar e desvendar no campo da Filosofia e da Ciência Política. Se julgarmos o passado pelas simples paixões corremos o risco de não interpretar os novos movimentos de sentidos que se gestam no tempo presente. Esta é a maior novidade em que está inserido o embate entre o lulismo e a elite do atraso. Se por um lado, o lulismo não pretende fazer revolução, por outro lado, é legítimo pensar que o viés eleitoral é sua marca mais forte.

Anderson situa-nos no campo histórico em que estaremos inseridos. Esta contextualização é válida para entender o desenvolvimento posterior, já que toda narrativa histórica precisa ser fundamentada para ter validade dentro do contexto e do recorte que realizamos neste trabalho. Os dois parâmetros fundamentais para compreender é interpretar o lulismo entre as quais se destacam a globalização e a os avanços moleculares e digitais, defende que:

O primeiro deles é o momento na história mundial do capital em que ele chegou ao poder. A globalização eliminou a possibilidade de um projeto inclusivo de desenvolvimento nacional, do tipo há tempos buscado pelo Brasil. A terceira



revolução industrial, baseada em avanços moleculares e digitais que apagam as fronteiras entre ciência e tecnologia, exige investimentos em pesquisa e impõe patentes que não permitem nenhuma transferência imediata de seus resultados para a periferia do sistema — e menos ainda em um país como o Brasil, onde o investimento, mesmo no auge do desenvolvimentismo de Kubitschek na década de 1950, nunca superou meros 22% do PIB e os investimentos em pesquisa e desenvolvimento permanecem ainda hoje irrisórios (ANDERSON, 2011, p. 39).

Daí a necessidade de se por um lado, no campo histórico e econômico temos essa constatação, citado anteriormente, já por sua vez, no campo político e sociológico nos encontramos com uma outra realidade, que terá como finalidade um confronto que no mínimo nos faz pensar em uma luta de classe. Talvez, neste campo minado de conflito o lulismo apresentará sua contraposição mais expressiva, o desejo de aproximar a classe baixa com a da classe média. Essa aproximação e diálogo, exigirá uma certa aproximação, aceitação e conciliação entre ambos. Na prática produzirá um efeito adverso a longo prazo. Para explicar a mudança na composição social da base eleitoral que reelegeu Lula em 2006, é necessário compreender o sentido exato do realinhamento ideológico no interior do eleitorado brasileiro, para compreender essa realidade, será necessário, ainda, aproximar duas classes sociais opostas, Nunes, salienta que:

André Singer recorreu a tese de que teria ocorrido um realinhamento ideológico no interior do eleitorado brasileiro. Esse movimento, por sua vez, seria duplo. De um lado, ao perceber que Lula não apenas tinha cumprido sua promessa de governar sobretudo para os mais pobres, mas também havia passado longe de qualquer radicalismo político que pudesse subverter a ordem, o eleitorado de baixíssima renda (o subproletariado) apegou-se maciçamente a candidatura de reeleição. É importante ressaltar que essa camada de eleitores aderiu a Lula (daí a origem do termo lulismo), e na o necessariamente a esquerda em geral ou ao PT em específico. De outro lado, ocorreu o crescimento do antilulismo, que se concentrou sobretudo no PSDB e afastou parte importante da classe média de Lula e do PT - principalmente a partir da crise do mensalão (NUNES, 2018, p. 178).

Como acabamos de constatar, essa aproximação, contudo, produziu um efeito nada positivo. Nesse sentido, Anderson, destaca o trabalho dialético que se encontra no amago do lulismo e que de certa forma demonstra sua contínua construção e o seu fortalecimento se deu de forma gradativa, já que produz uma inversão da realidade no campo político brasileiro, aquilo, que Singer (2012) chamou de o “*signo de contradição*” sob o qual o lulismo se ergue e se sustenta continuamente. Uma contradição que se confrontará com um sistema social até



esse momento constituída de forma homogênea, essa desconstrução do estabelecido, acarretará também no desgaste progressivo que desencoverá na Operação lava jato, como já advertimos, este trabalho não tem a intenção de analisar esse período. Dito isso, o lulismo se fortaleceu e se enraizou na força e na visibilidade da camada social proletária que com ou sem consciência de classe, é a estrutura que sustenta o lulismo na atualidade. Ao ocupar o espaço vazio gerada pela elite do atraso, conseguiu se fortalecer como ator de um movimento político de cunho evidentemente eleitoral e não revolucionaria. Anderson, argumenta que:

Se para Gramsci a hegemonia em uma ordem social capitalista era a ascendência moral dos proprietários sobre as classes trabalhadoras, garantindo o consentimento dos dominados a sua própria dominação, no lulismo, os dominados haviam invertido a fórmula, obtendo o consentimento dos dominadores para sua liderança da sociedade, apenas para ratificarem as estruturas de sua própria exploração (ANDERSON, 2011, p. 40).

A aproximação de Lula e o lulismo com a elite do atraso o levará por caminhos inesperados e muitas vezes sem saída. O lulismo e seu sonho utópico e eleitoral em querer realizar a luta de classe sem conflito, não superará além do campo das narrativas do discurso político. Um sonho utópico truncado não por incapacidade do líder em questão, mas, sim, por um desejo de pacificação artificial, *“decidido a evitar o confronto com o capital, Lula adotou política econômica conservadora”* (SINGER, 2012, p. 7). E, assim, fará nascer e alimentar o anti-lulismo com toda sua força. O desejo de outrora o de pacificar a elite do atraso com a classe trabalhadora estará na expectativa em criar dois fenômenos no lulismo, em primeiro lugar, a de construir um contexto de esperança, por outro lado, o de medo. Neste contexto o projeto de poder pelo poder (por via eleitoral) abrirá espaço para uma nova forma de compreensão da realidade política. Anderson, destaca essas duas instâncias, ao afirmar que:

O cientista político André Singer, porta-voz de Lula em seu primeiro mandato, mas uma mente independente e original, foi o pivô de uma análise surpreendente do Lulismo sobre a psicologia dos pobres brasileiros. Eles são, argumenta Singer, um subproletariado que compreende quase a metade — 48% — da população, movido por duas emoções principais: a esperança de que o Estado possa moderar a desigualdade, e o medo de que os movimentos sociais possam gerar a desordem. (ANDERSON, 2011, p. 34)



A partir dessas reflexões, pode-se dizer, que, justamente neste momento, aparece a importância de compreender o contexto do surgimento do lulismo. Esta denominação é ante de tudo um conceito de cunho neologista carregada de sentido e discurso de poder. Foi criado pelo cientista político André Singer. O conceito surge na campanha de 2002 para demarcar um posicionamento político e estratégico. Segundo a nota da IHU On-Line, o lulismo situa-se em um contexto histórico específico e sob uma contradição, sendo, assim:

Nascido durante a campanha de 2002, o lulismo representou o afastamento em relação a componentes importantes do programa de esquerda adotado pelo PT e o abandono das ideias de organização e mobilização. Busca um caminho de conciliação com amplos setores conservadores brasileiros. Sob o signo da contradição, o lulismo se constitui como um grande pacto social conservador, que combina a manutenção da política econômica do governo Fernando Henrique Cardoso (1995-2002) com fortes políticas distributivistas sob o governo Lula (2002-2010) (IHU, UNISINO) ².

Desta perspectiva, se o lulismo se apresenta sob o signo da contradição e com a intenção de construir um pacto social de cunho conservador (desde o viés eleitoral), é importante ressaltar, que no meio dessa contradição encontramos a presença da elite do atraso, aquilo que pode ser entendido a base em que esta cimentado a história política brasileira. Para estabelecer esse diálogo, será necessário buscar a manifestação do poder, o dinamismo do poderio econômico sob a égide da Elite do atraso. Segundo Jesse Souza:

Desde que o Brasil é Brasil, e principalmente a partir de 2013 de modo mais insidioso e perverso, a elite econômica conseguiu consolidar, junto a seus intelectuais e sua imprensa, a ideia de que o empobrecimento da população teria sido causado apenas pela corrupção política, o que é uma mentira (SOUZA, 2018, n. p.).

Vale ressaltar, que, Singer, nos ajuda a compreender a história política brasileira fundamentado no personalismo. Esta característica, por um lado, vem mostrar um comportamento que influencia no déficit de participação nas decisões das coisas públicas, por outro lado, revela o jogo da figura pública como jogada individual de uma construção individual do poder:

O fato de a política brasileira ser excessivamente personalista obscurece o sentido coletivo da ação dos políticos. É necessário procurar nexos invisíveis por trás do que parecem meras jogadas individuais de poder. O que muitas vezes faz esse exercício parecer inútil é o fato de os grandes políticos brasileiros dialogarem pouco antes de

² Nota IHU On-Line. Acesso: 30 de março de 2022.



tomar decisões. Penso que isso acontece porque há um déficit de participação no Brasil (SINGER, 2012, p. 144).

Tais afirmações, vêm de encontro para contextualizar o surgimento do lulismo e nos leva a compreender sua gênese e seu desenvolvimento de forma mais organizado e ao mesmo tempo em uma construção cronológica aproximativo entre os eventos que chegou a produzir (intento de aproximação das classes sociais) e as diversas consequências posteriores (vitória eleitoral sem conteúdo revolucionário) e seu posterior desenvolvimento (o antipetismo e o antilulismo). Para aprofundar na compreensão desta realidade pragmática e heterogêneo é importante remitir-nos a Singer, que nos informa que:

Em suma, foi em 2006 que ocorreu o duplo deslocamento de classe que caracteriza o realinhamento brasileiro e estabeleceu a separação política entre ricos e pobres, a qual tem força suficiente para durar por muito tempo. O lulismo, que emerge junto com o realinhamento, é, do meu ponto de vista, o encontro de uma liderança, a de Lula, com uma fração de classe, o subproletariado, por meio do programa cujos pontos principais foram delineados entre 2003 e 2005: combater a pobreza, sobretudo onde ela é mais excruciante tanto social quanto regionalmente, por meio da ativação do mercado interno, melhorando o padrão de consumo da metade mais pobre da sociedade, que se concentra no Norte e Nordeste do país, sem confrontar os interesses do capital. (SINGER, 2012 p. 10).

Por outro lado, o economista Marcio Pochmann, salienta que, o lulismo se enquadra no modelo desenvolvimentista, que busca uma configuração da sua identidade num projeto de inclusão *“O lulismo é uma perspectiva política de modelo desenvolvimentista, neodesenvolvimentista, se constitui em torno da ascensão do governo petista e é um projeto inconcluso”* (POCHMANN, 2017, n, p.), porém, fracassado em seu intento de *“politização da pobreza”*, a política e a consciência de classe não atingiu as camadas pobres, elas não foram politizadas, os benefícios dos programas sociais alcançou a suprir as necessidades básicas de sobrevivência, mas não conseguiu construir uma consciência crítica. O economista cita como exemplo de grande



sucesso o programa Fome Zero³ e a Bolsa Família⁴. Pochmann, identifica e reconhece a validade da intenção, mas critica a falta de conteúdo político:

É um programa fantástico, que conseguiu colocar recursos, pela primeira vez, diretamente no bolso da população pobre. Abriu uma série de oportunidades, mas é um programa esvaziado da política. É um programa para os pobres e não um programa com os pobres, de auto-organização dos pobres. Ou seja, os pobres no Brasil continuam submetidos às prefeituras locais, que é quem faz o cadastramento e define quem entra e quem sai. Não houve a possibilidade de transformar 40, 50 milhões de pobres em atores políticos relevantes (POCHMANN, 2017, n, p.)

Pode-se inferir, com base na entrevista de Pochmann que essa carência de politização de milhões de pobres levará a um enfraquecimento da base eleitoral seja sob o signo do PT ou do lulismo perante as elites do atraso, como veremos mais adiante. O Economista, ainda, traça e fundamenta sua crítica justamente nesse vácuo produzido pelo lulismo e sua contrução de cunho eleitoral, *“Não houve essa organização e não se tem uma ascensão social descaracterizada de valores modernos. Há uma ascensão econômica combinada com valores conservadores”* (POCHMANN, 2017, n, p.). Em outras palavras, o lulismo e o PT, terminaram alimentando e fortalecendo seus próprios algozes. As políticas públicas e sociais não produziram uma clara consciência de classe e menos ainda a tão esperada consciência política. Tudo ficou isolado e fragmentados por obras ou estratégia fantasiosa ou discursiva de um movimento político de cunho popular e eleitoreira. A julgar pela história já vivenciada, o lulismo não foi criado para

³ Fome Zero: é um programa do governo federal brasileiro que foi criado em 2003, em substituição ao Programa Comunidade Solidária, que fora instituído pelo Decreto n. 1.366, de 12 de janeiro de 1995, para o enfrentamento da fome e da miséria. Até dezembro de 2002, o Programa Comunidade Solidária esteve vinculado diretamente à Casa Civil da Presidência da República. O Programa Fome Zero foi criado para combater a fome e as suas causas estruturais, que geram a exclusão social e para garantir a segurança alimentar dos brasileiros em três frentes: um conjunto de políticas públicas; a construção participativa de uma Política Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional; e um grande mutirão contra a fome, envolvendo as três esferas de governo (federal, estadual e municipal) e todos os ministérios. (Nota da IHU On-Line)

⁴ Bolsa Família: programa do governo federal de transferência direta de renda que beneficia famílias em situação de pobreza e de extrema pobreza. O Bolsa Família integra o Plano Brasil Sem Miséria, que tem como foco os 16 milhões de brasileiros com renda familiar per capita inferior a 70 reais mensais e que está baseado na garantia de renda, na inclusão produtiva e no acesso aos serviços públicos. O Bolsa Família possui três eixos principais: a transferência de renda, que promove o alívio imediato da pobreza; as condicionalidades para receber o benefício, as quais reforçam o acesso à educação, saúde e assistência social; e as ações e programas complementares, que objetivam o desenvolvimento das famílias e a superação da situação de vulnerabilidade. (Nota da IHU On-Line)



construir um projeto revolucionário nos moldes dos teóricos marxistas, ela está alicerçada para atuar no campo da política partidária e eleitoral sem criar fissura e grandes terremotos e distanciamentos entre as classes sociais estabelecidas. O lulismo é um intermediário das causas sociais e não um exterminador das classes sociais.

Neste quadro, a figura do Lula paz e amor ao longo prazo tornou-se um símbolo de carnavalização que na realidade não produziu nenhuma mudança na estrutura interna da formação social da política brasileira. Pelo contrário, produziu um efeito negativo em que o “pobre de esquerda” ou “pobre de direita” chegaram a pensar que formavam parte da elite do atraso. E, ao longo prazo, muitos irão reforçar a longa fila do antilulismo que existe na atualidade. Esta realidade está analisada amplamente no livro de André Singer que serve como obra base deste artigo.

Ao avançar na compressão histórica, filosófica, sociológica e política da construção do lulismo fica evidenciado que este movimento de força política não surge por um azar da história. Ela é consequência, por um lado, de uma soma histórica de desigualdade e de miséria e por outra, porque responde aos anseios das classes das elites políticas atuantes no Brasil. O lulismo desapareceria e nem chegaria a existir se não existisse uma gigantesca e histórica dívida social no Brasil. A mesma desigualdade e miséria fortalecida e utilizada pela elite do atraso para manipular é instrumentalizar a pobreza. Podemos arriscar a afirmar que o vácuo gerado pela elite do atraso com sua receita liberal e neoliberal, tornou possível o surgimento e o fortalecimento do lulismo como uma forma de aproximar e conciliar uma realidade que está fortemente construído sob o signo da miséria, da injustiça e o abandono da exclusão. Singer, assevera que:

O lulismo partiu de grau tão elevado de miséria e desigualdade, em país cujo mercado interno potencial é expressivo, que as mudanças estruturais introduzidas, embora tênues em face das expectativas radicais, tiveram efeito poderoso, especialmente quando vistas da perspectiva dos que foram beneficiados por elas: o próprio subproletariado. A conjuntura econômica mundial favorável entre 2003 e 2008, não só por apresentar um ciclo de expansão capitalista como por envolver um boom de commodities, ajudou a produzir o lulismo (SINGER, 2012, p. 13).

Em função disso, podemos afirmar, que se a base eleitoral do lulismo está alicerçada no subproletariado ou proletariado da classe baixa e média (como mencionamos



anteriormente) será necessário buscar uma justificativa plausível para o mesmo. Nesse quadro, é preciso entender o espaço e o momento da ascensão do lulismo, Anderson, entende que:

Sua ascensão foi baseada em um movimento sindical e um partido político muito mais moderno e democrático do que qualquer coisa que Vargas ou Peron jamais haviam imaginado. Mas, a época em que ele ganhou a presidência, na sua quarta tentativa, o PT tinha sido reduzido em grande parte a uma máquina eleitoral (ANDERSON, 2011, p. 33).

Os estudos desses autores, vêm ao encontro dos anseios desse trabalho, no afã de associar e expandir essa compreensão territorial é histórica que associam a figura carismática do metalúrgico a outros líderes do passado recente da história política brasileira que mistura liderança e populismo. Neste sentido, comparar a figura do Lula com Getúlio Vargas não é mera coincidência em um mundo carente de líderes que buscam dar visibilidade aos infausto e oprimidos. As duas figuras alimentam-se de toda uma estrutura de abandono e desigualdades sociais. Pensar a história do lulismo a partir da exploração do capital e do trabalho é fundamental para compreender sua expansão, sua crise, seu declínio e seu renascimento. Buscar essa fonte que delinea a ação do líder como “pai dos pobres” enquadra-se de forma aproximativa no fortalecimento do lulismo. Anderson, aponta que nessa linha do tempo:

Lula pode, portanto, ser considerado de fato em certos aspectos — sua capacidade de lidar com as preocupações de capital e trabalho, de explorar as circunstâncias externas favoráveis em prol do desenvolvimento interno, de afirmar os interesses nacionais e, acima de tudo, de se conectar com as massas até então desarticuladas — um herdeiro de Vargas, oferecendo uma potente mistura de autoridade e proteção que o “pai dos pobres” havia conseguido outrora (ANDERSON, 2011, p. 35).

Por outro lado, aparecerá a configuração do lulismo como defensor da classe menos favorecido e que produzirá a reação da elite do atraso acostumado ao servilismo e ao escravagismo em suas diferentes formas e expressão. Se, hoje, o lulismo está em queda ou já perdeu uma parte do terreno político, se deve muito ao confronto suscitado entre uma classe em ascensão e uma elite do atraso que não se deixou aproximar e que potencializou a um afastamento da base popular, *“Uma vez no poder, Lula não mobilizou e nem mesmo incorporou o eleitorado que o aclamara. Nenhuma conformação estrutural nova deu forma a vida popular”* (ANDERSON, 2011, p. 33). O lulismo simboliza bem essa contradição entre aproximação e afastamento. Ao valorizar o campo eleitoral e deixar de lado os ideais revolucionário, a própria



classe operaria começou a se afastar daquele núcleo de promessa não realizada. O lulismo não surgiu para estabelecer e criar espaço para a concretização do tão temido comunismo. O lulismo surgiu com o anseio de aproximar as classes sociais com a finalidade e com o objetivo de construir o socialismo democrático.

Vale ressaltar, que, Singer já chamava a atenção ao fato de uma “desconexão temporária” que veio com a des-ideologização e despolitização da base e consequentemente causou um distanciamento, que terminou enfraquecendo o lulismo em pleno exercício do poder:

A desconexão temporária entre as bases do lulismo e as do petismo em 2006 foi o sinal de que havia *entrado em cena uma força nova*, constituída por Lula à frente de uma fração de classe antes caudatária dos partidos da ordem. Mais que um efeito geral de desideologização e despolitização, portanto, o que estava em curso era a emergência de *outra* orientação ideológica, que antes não se encontrava no tabuleiro político. O lulismo, ao executar o programa de *combate à pobreza dentro da ordem*, confeccionou via ideológica própria, com a união de bandeiras que não pareciam combinar (SINGER, 2012, p. 44).

Esse afastamento da própria base política e social que o poder produziu como ruptura para o enfraquecimento, será o calcanhar de Aquiles no enfraquecimento e na credibilidade do lulismo. A partir dessa reflexão, pode-se dizer, que se o lulismo teve a intenção de aproximar as classes sem conflitos, cometeu um erro não calculado, romantizando a história de exploração é injustiça enfrentado pelo proletariado brasileiro.

Lula, esqueceu, de modo proposital ou não, que a elite do atraso mantém em seu poder e no seu reduto de monopólio a mídia como instrumento de formação e manipulação da realidade no cenário político brasileiro. Talvez, esta seja uma das estratégias mal concebida do lulismo que causou seu próprio enfraquecimento, Anderson defende que:

O relacionamento direto de Lula com as massas interrompeu esse ciclo, minando o papel da mídia na formação do cenário político. Pela primeira vez, um governante não dependia dos proprietários da mídia, daí o rancor da parte deles. A ferocidade das campanhas que se seguiram contra Lula não se sustentaria, no entanto, sem um público que lhe fosse receptivo. Esse público se encontrava nas classes medias tradicionais do país, principalmente, mas não exclusivamente, nas grandes cidades, sobretudo em São Paulo (ANDERSON, 2011, p. 35 -36).



É importante ressaltar, que o confronto do lulismo com a elite do atraso, já foi mais incisivo no passado, dias atuais está em uma clara aproximação. O lulismo já promoveu grande confrontos ideológicos com a elite do atraso, mas, sempre tropeçou no poder da mídia e a pouca capacidade crítica da classe trabalhadora, historicamente situado na escala social abandonado, com pouca instrução, mediado pelo semianalfabetismo, pouco acesso à educação, saúde e lazer, contribuiu e muito para que o próprio lulismo cria-se uma mera ilusão de Ascensão social. Estes e outros elementos faz pensar que a nova aproximação de Lula com a elite do atraso representado por Alckmin é uma busca de conciliação e avanços nas conquistas de direitos sociais, mas não promoverá a tão ansiada revolução que pretendem uma parte da esquerda mais radical.

Constatado esta realidade, as mesmas forças políticas da esquerda demoraram para perceber a gigantesca força que viam-se agrupando (nos governos Lula e Dilma) para arremeter contra o processo de inclusão social alicerçado com políticas públicas e sociais amplificado. Nada mais propicio para que a elite do atraso volte a organizar suas forças e começar a minar tudo aquilo que foi construído. Assim, de forma lenta e gradual, surgem uma onda de hostilidade contra a pessoa do próprio Lula, e depois, contra os avanços sociais já construído ao longo do seu governo. Segundo a constatação de Anderson:

A razão para a hostilidade direcionada a Lula por esse estrato social não foi a perda de poder efetivo, algo que essa classe média nunca teve, mas de status. Não apenas o presidente era agora um ex-operário sem instrução, cuja gramática surrada já era lendária, mas sob seu governo empregadas domésticas, porteiros e trabalhadores braçais, de fato, praticamente toda extração da rale, estavam agora adquirindo bens de consumo até então privilégio dos instruídos, e mesmo adquirindo orgulho em seu dia a dia (ANDRESON, 2011, p. 36).

O resultado de essa força esmagadora, hoje, é mais visível e pode ser melhor mensurado. A elite do atraso que permitiu a chegada ao poder de um líder sindical, não perdoou sua audácia em tentar conciliar e aproximar as classes entre si. O que tornou novamente possível a volta de uma esmagadora perseguição política e mediática a ex-presidente. A figura carismática de Lula e conseqüentemente o lulismo como movimento político sustentador das ideias progressistas encontra-se nesse ponto fundido em um único momento. Esta fusão levará a uma inevitável crise de identidade e ao mesmo tempo a uma



reconstrução seja de proposta e discurso. O lulismo renasceu das cinzas no longo processo de desconstrução que sofreu com a Lava jato. A classe média conservadora e elitista e a elite do atraso voltaram a se encontrar para combater um inimigo em comum, agora com mais ênfase. Assim surge um surto de “demofobia” como nos apresenta, Anderson:

Para boa parte da classe média, tudo isso os irritava profundamente: a ascensão de sindicalistas e funcionários significava que eles estavam sendo rebaixados. O resultado tem sido um surto agudo de “demofobia”, como o colunista Elio Gaspari, um crítico enérgico dessa tendência, apelidou a reação. Juntos, a mistura de humilhação política entre os proprietários dos meios de comunicação e editores e o ressentimento social entre os leitores resultaram numa quase sempre bizarra ladainha acrimoniosa de antilulismo, estranha a qualquer senso objetivo de interesse de classe (ANDRESON, 2011, p. 36).

Em função disso, o que fica evidente neste confronto entre o lulismo e a elite do atraso, que, este último não aprecia ser rebaixado. Novamente, volta a surgir as claras o erro estratégico do lulismo, ao tentar fazer uma revolução e confronto de classe sem reconhecer que historicamente “a demofobia” da elite do atraso não se domestica com discurso político romantizado. O confronto do lulismo e a elite do atraso foi e será sempre uma luta de classe (velada, desde as premissas democráticas nas arenas política eleitoral), sem esse conceito específico, nem o carisma do Lula e nem a força eleitoral do lulismo terá força para avançar.

Porém, é importante se perguntar: o lulismo ou Lula está disposto a pagar novamente o preço do fracasso no seu intento de conciliar a “luta de classe”? Tudo indica que sim e ainda mais, está disposta a traçar uma nova configuração política como veremos mais adiante. Justamente, neste ponto fundamental que Singer lembra o passado escravocrata ainda muito presente na classe dominante. A elite do atraso usufrui de um espaço e de uma força que o nosso autor chama de “Ética escravagista”:

O passado escravocrata do Brasil deu à classe dominante, e à classe média tradicional que nela se espelha, uma profunda ambivalência em relação ao trabalhador. De um lado, há o reconhecimento capitalista da necessidade do trabalho para a existência da acumulação; de outro, a percepção dos trabalhadores como “instrumentos de trabalho”, e não como seres humanos. No Brasil, o espírito do capitalismo veio acompanhado de estranha “ética escravagista”. (SINGER, 2012, p. 119).

Tais afirmações vêm de encontro, de que o lulismo como força política e eleitoral buscou e continua buscando angariar força, justamente para combater a “ética escravagista”



presente na história política brasileira, porém, fica evidente que a força do passado ainda tem potência e primazia na construção social contemporânea, que nas palavras de Singer “*Se a cara do lulismo é a unidade subproletária ao redor do presidente, a coroa é a sua completa rejeição por parte da pequena burguesia*” (SINGER 2012, p. 118). Essa força estrutural da elite do atraso se fortalece na contemporaneidade com a criminalização e desvalorização da política. A própria criminalização do lulismo, seja no campo político e de uma parcela do judiciário (não esqueçamos que existem setores do judiciário que trabalharam arduamente para exterminar o lulismo) é fruto de uma estratégia bem-sucedida da elite do atraso. Sem deixar de mencionar que as grandes corporações midiáticas criaram um imaginário negativo da mesma classe política. Ainda, no meio de toda essa tormenta de eventos e acontecimentos o lulismo conseguiu sobreviver e é inegável o seu refortalecimento na atualidade no campo da esquerda mais pragmática e progressista.

Em artigo assinado na Folha de São Paulo, sob o título “*Fenomenologia do lulismo*”, Ricardo Antunes analisa o fenômeno do lulismo, ressaltando o pragmatismo e o messianismo como dois elementos mais representativos presente em sua estrutura de sobrevivência no campo político, adotando uma postura conciliadora oferece uma estranha combinação. O autor ressalta que:

Se nos anos 1970/80 a autêntica espontaneidade de Lula o consolidou como o mais importante líder operário, neste novo milênio sua espontaneidade, esvaziada de sua origem, é preenchida pela contingência e pela vacuidade. Além de messiânico, capaz de “falar direto com Deus”, tornando prescindível o partido que ajudou a criar, o lulismo é expressão de um pragmatismo que se molda às circunstâncias, que se atola no mesmismo e estanca no colaboracionismo. Não é por acaso que o único traço que Lula tem feito questão de repetir, em relação ao seu passado, é que era um conciliador, esquecendo-se que sua vitalidade floresceu por sua prática de confrontação (ANTUNES, 2017, n. p.).

Sendo assim, o lulismo somente se compreende a partir de sua capacidade de se concretizar numa espécie de metamorfose continua na sua capacidade infinita de se readaptar ao poder pelo poder, fazendo sempre uma leitura cabal da dinâmica política em que esta inserido. O líder sindical tem a virtudes de realizar a leitura exata do tempo em que vive e representa nesse exato momento a capacidade de se transformar na expectativa mais eloquente de sua militância sempre com a clara finalidade eleitoral e não revolucionária. O



Lula líder que representa o lulismo dentro da política vive dessa circunstancialidade do tempo e do espaço, ora conciliador, depois pragmático, mistura-se com sua mesmice para ressurgir no confronto até encontrar uma brecha passível de recomeçar. Essa mobilidade e versatilidade na hora de agir na política torna o lulismo um tanto admirado pela elite do atraso em tempo de prosperidade e um ódio profundo em tempo de carência e escassez. Essa marca do pragmatismo esta em constante construção no fazer político do lulismo contemporâneo.

Em 2018, Singer, ao realizar uma avaliação dos governos do PT e do lulismo, numa entrevista sob o título: *“Os miseráveis que receberam um auxílio se tornaram lulistas de carteirinha”*, apresentou os diversos ciclos experimentados por este movimento, nosso autor, afirma, que os acontecimentos que atravessaram esse período não conseguiu fragmentar em grande parte o eleitorado de Lula, ainda que existe resquício de distanciamento:

Esse eleitorado se mantém fiel, embora nesse meio tempo, o lulismo tenha ido do auge - com a reeleição de Lula e a chegada de Dilma Rousseff ao Planalto - à crise, com as jornadas de junho de 2013, o impeachment da petista, em 2016, e a prisão de Lula em 2018 (SINGER, 2018, n. p.).

A partir dessa afirmação, pode-se dizer que como consequência dessa realidade o próprio lulismo realizou uma análise inadequada do momento. E aqui é um momento propício para compreender a diferença entre petismo e lulismo. O que muito não consegue dimensionar é que existe uma diferença entre petismo e lulismo. O petismo pertence a dimensão partidária, estrutural e burocrática, como já vimos e analisamos na primeira parte deste trabalho. No petismo se aglomera os velhos caciques do poder, a elite partidária, que instrumentaliza a esquerda para um benefício seja individual ou de grupos. O lulismo, por outro lado, pertence ao campo do imaginário da sociedade brasileira, permeia a sociedade como um todo, cimenta o palanque filosófico, político e pragmático. O petismo é reduzido em sua maioria para a militância, naquele espaço de luta e de coerção social é ideológica (alguns setores do petismo ainda acreditam e sonham com a Revolução e a instalação da ditadura do proletariado) que por vezes atrapalha na compreensão mais abrangente da política em si. Por isso, é fundamental entender a dinâmica em que se move o lulismo. E, sempre será importante lembrar que lulismo e petismo se move em um mesmo território, mas com finalidade nada



ortodoxo. Essa realidade forçou uma permanência do lulismo no jogo político para sobrevivência do próprio movimento:

O que houve foi um aproveitamento de propaganda, tentando em algum momento fazer com que parecesse que esses brasileiros que saíram da miséria estavam indo direto para uma condição de classe média, como se fosse praticamente um milagre, o que na realidade não aconteceu. O que aconteceu foi um movimento importante de saída da condição miserável de uma parcela expressiva da população, mas que entrou numa condição de pobreza, não de classe média. E é por isso que quando você olha para o número de pobres, segundo os dados do Valdir Quadros, em 2002 nós tínhamos 29% de pobres e esta proporção cai para 23%. A redução é muito menor, não porque os pobres de 2002 não tenham melhorado de vida, eles certamente melhoraram, mas foram substituídos por novos pobres que eram os antigos miseráveis. Com isso, o estoque de pessoas em condição de pobreza ficou relativamente estável. Eu não estou subestimando a importância dessa ascensão, porque significa a diferença entre comer 3 vezes ao dia e não comer (SINGER, 2018, n. p.).

Por outro lado, o próprio Singer ressalta a letargia e o erro estratégico em que o lulismo incorreu ao esquecer a politização da classe trabalhadora que ascenderam de classe social ou que mudaram de condição de vida. Essa falta de formação política será um entrave para a consolidação do lulismo em sua base original. Sem Consciência crítica e formação política e histórica a tentação de abandonar a causa será permanente. Segundo Singer:

Esses antigos pobres que melhoraram de condição, e foram em número expressivo, de dezenas de milhões, entraram no que chamo de uma nova classe trabalhadora, e aí sim houve um engano dos dirigentes do lulismo, que não se aplicaram ao trabalho de politização dessa nova classe trabalhadora que precisaria ter sido conscientizada de que não estava mudando de condição apenas por seus próprios méritos, mas sim porque houve um conjunto de políticas públicas orientadas para ajudar esse setor a mudar de condição. Não existindo esse trabalho de politização, você encontra uma quantidade significativa de pessoas que transitaram de uma condição de pobreza para a nova classe trabalhadora e que entendem que essa ascensão decorreu de seus méritos individuais. Claro que os méritos individuais existem, mas quando você olha para o conjunto, para o movimento de classe, você percebe que o mérito individual não é suficiente. Uma pessoa pode ser muito trabalhadora e talentosa, mas se não tem emprego disponível, ela não consegue (SINGER, 2018, n. p.).

Singer, lembra ainda, a força que ainda ocupa na memória e no imaginário do povo os governos Lula. Esta realidade está presente em todas as classes sociais, mas intensa em alguns e com menos força em outros. Essa memória ajuda a preservar com certa força política o



lulismo na arena política brasileira. De certa forma o desgaste do lulismo é menor que o petismo na atualidade:

O que está motivando o grosso da intenção de voto no ex presidente Lula é a memória que ficou de um tempo melhor e a associação do lulismo com uma ascensão social que abria novas perspectivas de vida, as pessoas querem que isso volte. Isso é um elemento forte (SINGER, 2018, n. p.).

E, Singer salienta, que, a possibilidade do lulismo sobreviver ao próprio Lula é uma hipótese possível: *“Em teoria ele sobreviveria plenamente. O lulismo tem a vocação de ser algo que percorra a história brasileira como o peronismo percorre a história argentina”* (SINGER, 2018, n. p.). O analista político, finalmente, ressaltou a importância de olhar para a história para perceber que fenômeno como o lulismo não acaba tão facilmente. Singer, ressaltou para não fazer análises precipitado ainda que exista uma grande pressão contra o lulismo, *“devo dizer que apesar dessa enorme pressão contra o lulismo, ele sobrevive”* (SINGER, 2018, n. p.). Justamente, essa possível sobrevivência nos faz pensar no pragmatismo e na capacidade de se reinventar para uma nova aliança e aproximação com a elite do atraso. Seja de uma perspectiva nova ou a partir dos velhos truques de retórica, de proposta de conciliação e aproximação entre as classes sociais, Lula e o lulismo se adaptam facilmente as novas realidades sempre conseguem dialogar até com seus mais ferrenhos e temíveis adversários do passado e no tempo presente. A continuação, entramos na última parte do nosso trabalho, faremos uma análise contemporânea do lulismo. Deixando relegado a análise sobre a Lava-Jato para outros autores

2.3 O lulismo e o retorno do ostracismo para a arena política: Lula Livre!

Sem dúvida o lastro mais negativo que produziu a Operação Lava Jato na sociedade brasileira, foi muito mais de tragédia que de benefícios. Foi a maquinaria judicial e espetacularização mediática de suas diferentes fases que impulsionou o discurso da criminalização da política e afetou a classe política como um todo. Em nome e sob a bandeira do combate à corrupção produziu danos colaterais irreversíveis até agora no campo econômico e político e abriu precedentes jurídicos nada ortodoxos. Para Juliana Furno:



A operação Lava Jato, do ponto de vista jurídico, atuou relativizando diversas garantias constitucionais, que ficaram explícitas pelas mensagens vazadas que atestaram que Moro não somente investigava, mas também orientava os Procuradores da República sobre como proceder nos casos da investigação que, pasmem!, ele era o juiz. No entanto, os aspectos econômicos dessa operação ou têm sido secundarizados ou mesmo identificados como “efeitos colaterais” da forma troncha com que foi conduzida a Operação. Advogo aqui que não. Os efeitos econômicos foram tão premeditados quanto os políticos (FURNO, 2021, n. p).

Se toda a classe política foi afetada, o lulismo foi a mais evidenciada negativamente até hoje. A volta do ostracismo de Lula da Silva é descrita pelo Cientista político Andre Singer em seu artigo “*Lula – o retorno do ostracismo*”. Singer, lembra que:

A tarde quente e nublada do sábado, 7 de abril de 2018, em que Luiz Inácio Lula da Silva, então com 72 anos, saiu preso do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, em São Bernardo do Campo, marcou um momento fatal na carreira do ex-operário convertido em presidente da República. (SINGER, 2021, n. p.).

Ao contextualizar a prisão do Ex presidente, o cientista político relembra o espaço deixado pelo líder operário e como Jair Bolsonaro começo a ocupar esse vácuo:

Foi no período que se abriu, pós-prisão, que vimos emergir o atual presidente Jair Bolsonaro, ocupando o vácuo de liderança popular encarcerada em Curitiba. Eis que, passados três anos, em que o vazio de uma oposição politicamente efetiva ao ex-militar reformado vinha tornando irrespirável o ar nacional, acontece o milagre da ressurreição. Para tanto, não bastava Lula estar solto. Tinha que poder concorrer às eleições presidenciais, desde sempre a sua arma infalível para ser ouvido no Brasil. (SINGER, 2021, n. p.)

A volta do ostracismo, abre novamente espaço para que volte a aparecer no cenário e no jogo político o lulismo. Para o nosso pesquisador:

Talvez, com a reabilitação do lulismo, os aqueus vençam Troia, terá pensado o juiz? No caso da tragédia brasileira, goste-se ou não do passado de Lula, à esquerda ou à direita, o rol que lhe foi agora conferido é o de salvar a democracia. O regime democrático é o único meio de voltarmos a ter não a resolução de todos os problemas, coisa que, sabemos, só ocorre nos contos de fadas (e os dramaturgos neles não creem), mas um mínimo de racionalidade na condução do Estado. (SINGER, 2021, n. p.)

Com o renascimento do lulismo, na pessoa é imagem do seu líder, surgiu novamente uma figura capaz de enfrentar o bolsonarismo, Lula aproveitou o espaço, a atenção e a força de sua retórica para contrastar com o bolsonarismo e se tornar um claro opositor e anti-bolsonarista, até esse momento homogenico no cenário político da pandemia. Segundo Singer:



(...) Lula, no discurso que pronunciou na quarta-feira (10 de março), entre o final da manhã e o almoço prolongado, fez muito mais. Além de se apresentar na pele do anti-Bolsonaro, com uso explícito de máscara, fazendo questão de pedir conselho médico antes de tirá-la para falar, e elencar os contatos internacionais para contrastar o isolamento verde-amarelo, desarmou os espíritos, falando do sofrimento pelo qual passou. Aí, Lula deu uma de Churchill, mexendo com a emoção dos que o viam, desde os escritórios da Faria Lima até os recantos desta nação sem fim. (SINGER, 2021, n. p.)

O cenário em que volta a aparecer Lula eram as piores, o colapso na saúde pública brasileira em alta, o discurso negacionista em boga, milhares de doentes esperando na fila de espera e a imagem de cadáveres empilhados em containers, fez que a atmosferas de aparição do líder político prende-se a atenção e fizesse mudar o rumo da narrativa hegemônica até esse momento:

Como o cenário geral era dos piores, as condições atmosféricas para a reentrada lulista eram ótimas. A gestão negacionista da pandemia transformou o Brasil na possível estufa mundial de variantes do coronavírus. Com mais de 2.000 mortos por dia, um recorde desde que a Covid-19 começou a se espalhar, doentes morrem à espera de vaga em UTIs, médicos são obrigados a escolher entre os que têm mais chance de sobreviver, e cadáveres são acondicionados em contêineres. (SINGER, 2021, n. p.)

O discurso do líder do lulismo, entrou em cena de forma mexendo com a memória histórica, uma espécie de desafio a elite do atraso e escravocrata. Novamente, Lula provocava uma ruptura e uma possibilidade de aproximação. A narrativa escolhia e utilizada pelo ex-presidente na ocasião aproximava a figura do escravo vítima da elite, condenado injustamente, que prefere sofrer as injustiças antes de ceder a elite do atraso, já que sua dignidade ultrapassava todos os limites de injustiça acometida contra sua pessoa e seu histórico de vida. O cientista político lembra que Lula:

Começou por relatar parábola verídica que, segundo a revista *Época*, consta de A autobiografia do poeta-escravo”, de Juan Francisco Manzano, publicada em 1840, único material do tipo escrito por um latino (cubano). Depois de levar 98 chibatadas, o escravo é posto diante da alternativa de economizar as duas últimas se agradecer ao senhor. Prefere levar as que faltavam, antes que ceder aos dominantes. Mensagem: meus algozes me fizeram sofrer muito, mas não conseguiram me quebrar; mantive a dignidade. (SINGER, 2021, n. p.)

Lula sabe da força e do poder que ostenta na hora de articular um discurso. Suas palavras não remetem somente a uma memória histórica, suas palavras se identifica com a



história de vida de seus ouvintes. O metalúrgico, agora em liberdade, mistura como um jogo de xadrez as casas do seu oponente que deseja atingir, seja com a força da ironia, ou com palavras escolhida com base na história. Como destaca Singer:

Em seguida, consciente de que havia se mostrado inteiro, ou seja, apto para governar, o candidato afirmou o inesperado: não guardo mágoa de ninguém. Vida que segue. Reeleito, conversará, literalmente, com todos: empresários, financistas, militares, sindicalistas, sem-terra, sem-teto, jornalistas, líderes identitários. Abriu uma curiosa excepcionalidade para os donos de meios de comunicação, de quem afirmou preferir guardar alguma distância, recusando almoços privados. (SINGER, 2021, n. p.)

Não demorou para surtir efeito o discurso do petista. Como em um jogo de futebol, as possibilidades oferecidas para contra-atacar o adversário, não depende somente da habilidade individual do jogar, e sim, fundamentalmente da capacidade de enxergar os vácuos oferecidos pelo adversário, Lula como sábio conhecedor da arena política, conhecedor da fragilidade dos seus adversários, começo a distribuir a bola do jogo conforme o posicionamento estratégico dos seus oponentes. Neste sentido, Singer destaca:

As reações ao pronunciamento mostram que Lula, em linguagem futebolística, recebeu a bola de Fachin e enxergou uma avenida aberta, levando-a direto para o gol. Em questão de minutos, a mídia passou a veicular que Bolsonaro, afetado pela volta do ex-chefe de Estado, passara a usar máscara em cerimônias públicas. (...) Diante da possibilidade de alternância do poder em 2022, os ocupantes do Planalto perceberam que não podem fazer qualquer coisa. Ficam limitados, o que é a essência da democracia moderna. O governante de hoje estará na planície amanhã. Por isso, precisa ter medo. (SINGER, 2021, n. p.)

A saga épica do lulismo recomeçava com força, nem o ostracismo e nem a cela da prisão em Curitiba durante seus 580 dias encarcerado foi capaz de aniquilá-lo. Tudo parece convergir em que o Lulismo e a elite do atraso, agora, estão num mesmo patamar de luta e confronto na arena política. Singer lembra que:

“Last but not least”, para que não digam que não falei de flores (o espaço acabou). No bojo da tensão militar, o “mercado” fará todo tipo de chantagem para que Lula, se candidato, assuma compromisso com um equilíbrio fiscal que o impedirá de gerar os empregos, a picanha e a cerveja que prometeu ao “povareu sonâmbulo” no discurso de quarta. Mantidas as condições presentes, a sétima vida do lulismo implicará que o Brasil vai comemorar os 200 anos como nação independente, e eternamente semiconstruída, em meio a uma campanha, esta sim, épica. (SINGER, 2021, n. p.)



Naquele momento tudo indicava que o lulismo e a elite do atraso estariam em confronto novamente. A arena política tem essa magnitude de mudança constante. O que vivia no ostracismo, ressuscitou novamente. E o que sempre esteve presente (a elite do atraso) voltará a insistir em sua força e poder de sobrevivência. Com a diferença de que o lulismo já estava começando a organizar sua força para o próximo embate eleitoral.

Para lael de Souza, o reaparecimento do lulismo marca uma nova forma de análise do que anteriormente era probabilidade. A perspectiva do retorno do lulismo na arena política e principalmente na arena eleitoral poder deveria ser analisada com cautela e perceber nas entrelinhas as possíveis mudanças que pode trazer consigo, neste sentido de Souza, afirma:

Um horizonte com o possível retorno de Lula à presidência, com 76 anos de idade, nos mesmos moldes dos seus governos anteriores e com a mesma estratégia política de alianças com 'Deus e o Diabo', não é a saída para mudar", concretamente, a situação estrutural do país (DE SOUZA, 2021, n. p.)

Nesse quadro de análise citado anteriormente, abre espaço para pensar, a conjuntura atual em que está inserido o lulismo na atualidade, e este fenômeno é importante se percebido e observado, que segundo De Souza, *"Parece que o antipetismo é eclipsado pelo lulismo"* (DE SOUZA, 2021, n. p.). Certamente essa capacidade recriadora que possui o lulismo de eclipsar ou apagar a força do antipetismo é de fundamental importância para começar a analisar a conjuntura política vindoura no Brasil. Outro aspecto analisado pela nossa autora se dá justamente na carga de "memória histórica" que possui o lulismo, essa memória construída no passado. Neste sentido, nossa autora, Lembra:

Outros aspectos contribuem para a popularidade de Lula entre a classe trabalhadora como um todo, como: Fome Zero (posteriormente esse programa, e os demais que o mesmo agregava, foram substituídos pelo Bolsa Família); o crescimento do PIB brasileiro em seu mandato; a ascensão social das camadas populares e seus filhos, que passam a consumir, ocupar e frequentar lugares antes impensáveis (aeroportos, universidades públicas, Disney, etc.), isto graças à expansão do crédito, que acarretou o crescimento das dívidas dessas camadas; o Brasil na lista de 6ª economia do mundo; etc. Laura Carvalho (2018) designa esse período do governo Lula, mais precisamente de 2006 a 2010, de "milagrinho brasileiro" (DE SOUZA, 2021, n. p.).

Ainda, segundo De Souza, ao olhar para o passado, o lulismo apresenta várias formas de presença na memória do cidadão comum, assim como da história política recente



encontramos uma junção entre o partido (PT) e o movimento (lulismo), esta realidade não pode ser deixada para atrás se quisermos compreender a expansão e a junção na capacidade de construir força e oferecer possibilidades, é uma engrenagem indissolúvel, entre essas duas formar de compreensão

Todavia, há um outro lado da história que fica ocultado e é muito mais relevante. O partido fundado por Lula, o PT, deixou de ter como projeto político-social a superação do capital e do sistema capitalista, como demonstra Iasi (2012), através das mudanças na perspectiva de mundo, homem e sociabilidade observada nos congressos do partido de finais da década de 1980 e início da de 1990. O PT torna-se, já na década de 1990, mais um partido social-democrata, ou mesmo, pode-se dizer, social-liberal (DE SOUZA, 2021, n. p.)

Finalmente, De Souza, lembra que a força do carisma de Lula, o leva a se diferenciar dos outros políticos tradicionais. Este carisma o ajudou a deixar a esquerda em uma saia justa, já que o PT segundo a nossa autora, faz tempo que deixou de ser um Partido de Esquerda, mas o que mais caracteriza Lula e o torna um líder multifacetado é sua capacidade de falar a língua do povo, porém, as feridas abertas do passado podem aparecer novamente como farsa:

Há muito tempo o PT deixou de ser esquerdo. Hoje, esquerda são PSOL e PCB. O grande problema é que seus candidatos, que disputaram a última eleição para os municípios não têm o mesmo carisma que Lula, nem a mesma capacidade de “falar a língua do povo” O que vai ser? O que acontecerá? Vai depender da capacidade dos militantes dos partidos de esquerda militar e trabalhar, mobilizando e organizando, as massas e de criarem um programa em comum, resguardadas as diferenças, para que possam aumentar suas chances na correlação de forças que se desenha. Caso contrário, muito provavelmente, a história se repetirá, não como tragédia, mas como farsa. (DE SOUZA, 2021, n. p.)

Perceber a importância do lulismo em relação a elite do atraso não se movimenta somente no campo político e sim está presente também na análise histórica e na conformação sociológica das forças políticas presente na arena política atual. Compreender a força do lulismo seja na política ou na construção do imaginário que atinge com seu sofisticado discurso é sempre fascinante e ao mesmo tempo nunca cessará de fazer ressurgir novas perguntas.

2.4 O lulismo e o “presidencialismo de conciliação” uma aproximação surpreendente com a elite do atraso



O ano eleitoral de 2022 começou com toda as variantes possíveis. No mês de novembro de 2021 iniciou-se uma nova estratégia de aproximação do lulismo e a elite do atraso, à aproximação entre Luis Inácio da Silva e Geraldo Alckmin proeminente representante política da elite do atraso Paulista, ancorada até pouco tempo no PSDB abriu uma enxurrada de críticas e expectativas ao mesmo tempo. O aceno de Lula numa modificação mais radical na forma de fazer política e na sua aproximação mais direta com a elite do atraso começou a criar um espaço tênue entre o possível e o novedoso.

Para o jornalista e sociólogo Milton Alves, Lula está promovendo um “presidencialismo de conciliação”, perante o qual, lança a pergunta: “*A pergunta que fica martelando: é possível fechar uma aliança com os neoliberais e construir um programa de reconstrução do país?*” (Alves, 2022, n. p.). Es sabido a capacidade de Lula formular estratégia não convencionais e claramente com alto potencial e níveis de disputa eleitorais. Se no início pode surpreender a todos, logo, se percebe que o ex-presidente sabe interpretar as brechas e as regras do jogo do fazer da política da forma mais pragmática possíveis. E, em pouco tempo, já não surpreende sua aproximação e o diálogo que vem estabelecendo entre seus mais antigos adversários e desafetos. Segundo Alves,

O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva um sagaz, experimentado, e engenhoso articulador político faz uma aposta de grande envergadura e risco ao optar pela escolha do ex-tucano Geraldo Alckmin como companheiro de chapa. E mais do que ninguém, Lula calcula os custos e benefícios. Trata-se de uma operação política que pretende aplacar os temores e os preconceitos da maioria dos setores das classes dominantes em relação ao ex-presidente e, sobretudo, ao PT — mas não é só isso. (ALVES, 2022, n. p.)

A nova realidade em que se deu o salto de aproximação entre Lula e Alckmin traz consigo a novidade que desafia a própria realidade do fazer política e confronta entre uma política de tinte ideológica ou uma política de cunho pragmático, o ex-presidente sempre desafia e confronta até os mais pessimistas ou o mais ousado analista político. Para Alves,

Após amargar uma odiosa e implacável perseguição, Lula, como uma fênix, ressurgiu de uma forma impressionante no cenário político, liderando de forma absoluta todas as pesquisas eleitorais para presidente. Um fenômeno de performance política que desafia os prolixos e surrados manuais dos cientistas políticos (ALVES, 2022, n. p.).



Segundo o sociólogo, a aproximação entre Lula e Alckmin gera um “combo de ilusões”, já que representa o contraditório e o pouco provável se fosse analisado o momento atual em que está inserido a política brasileira, para Alves:

O grande enigma que alimenta as tensões no debate sobre a natureza e o alcance das alianças de Lula com a direita reside, principalmente, na formulação do futuro programa de governo. A pergunta que fica martelando em todas as cabeças: é possível fechar uma aliança com os neoliberais e construir um programa de reconstrução do país? Quem vai ganhar e quem vai perder? (...) Ou seja, mais uma vez, o setor majoritário da esquerda faz uma aposta na fórmula política da conciliação pelo alto ao invés de um programa de ruptura, que tenha como alavancas propulsoras a mobilização popular e a nitidez programática, para construir e consolidar uma governabilidade de novo tipo (ALVES, 2022, n. p.)

Devagar, de forma proposital e respeitando o ritmo do jogo da política e fazendo cálculos nos mais mínimos detalhes e efeitos entre os prós e os contras de uma aproximação arriscada, Lula, vai fortalecendo sua engrenagem discursivo para primeiro se fortalecer internamente e depois se expandir em outro segmento de uma sociedade polarizada ideologicamente. Esperando a hora certa de emplacar na rua sua força e carisma. Segundo Alves,

Ou seja, mais uma vez, o setor majoritário da esquerda faz uma aposta na fórmula política da conciliação pelo alto ao invés de um programa de ruptura, que tenha como alavancas propulsoras a mobilização popular e a nitidez programática, para construir e consolidar uma governabilidade de novo tipo. (...) Resta saber se Lula será capaz de realizar mais essa façanha, passando por cima das contradições políticas e dos imensos antagonismos de classes, operando como um trator indomável e furioso (ALVES, 2022, n. p.)

Como é possível observar e analisar, o lulismo e a elite do atraso está em uma vertiginosa aproximação. Abraçando o discurso da defesa da democracia e a necessidade de reconstrução do Brasil, o lulismo e a elite do atraso vão construindo uma nova reaproximação: Segundo Lula,

Temos que ter uma preocupação, que é a reconstrução do Brasil. O país está numa situação muito difícil, eu diria até desesperadora. E pretendemos construir um movimento. A minha candidatura não é a candidatura de um partido político, é a candidatura de um movimento, para reconstruir a democracia brasileira, para reconstruir a economia brasileira, para voltar a sonhar com o crescimento econômico e com a distribuição de renda. Vamos construir em torno dessa perspectiva um movimento muito grande, que vai envolver muita gente da sociedade, gente de partido, gente de fora de partido, para que a gente possa garantir que o povo brasileiro volte a ser feliz outra vez (JORNAL O DIA, 2022, n.p.).



Certamente, Lula já apresenta uma pincelada daquilo que chamamos no início deste artigo de “gerenciamento técnico do mercado”, justamente esta dimensão tão cara ao lulismo em seu relacionamento histórico com a elite do atraso. O próximo passo, será revelador para tentar compreender com mais profundidade os possíveis alcance desta nova realidade na política brasileira. Com o anúncio do PSB de que Geraldo Alckmin será vice na chapa presidencial com Lula, se delinea e volta a se inicia uma nova etapa e relação política entre o lulismo e a elite do atraso:

O ex-presidente também garantiu que a aliança de ambos é uma “demonstração” muito forte para o Brasil. “É plenamente possível duas forças com projetos diferentes, mas com princípios iguais, se juntarem em um momento de necessidade do povo”, afirmou o petista ao anunciar a aliança. “Nós temos que provar para a sociedade brasileira que esse país precisa de amor, não de ódio, precisa de emprego, não de arma. Estamos dando uma demonstração muito forte ao Brasil hoje”, acrescentou. (CONGRESSO EM FOCO, 2022, n.p)

Como já advertimos ao longo da nossa análise, o Lulismo e a Elite de atraso encontrasse em constante movimento, agora, inicia-se uma outra etapa de reaproximação e diálogos. E o resultado, por agora, ainda é incerta e caberá esperar o fluir do tempo para analisar os novos resultados. Uma coisa é importante lembrar, o lulismo e a elite do atraso estão em constante transformação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No percurso que realizamos ao longo deste trabalho nos ajudou a refletir sobre o “*O Lulismo e a Elite do atraso: discursos, desafios e perspectivas de um embate político e constante transformação*”, os fatos narrados e citados sob a discurso e reflexão de diversos autores nos mostrou a interdependência existente entre o lulismo e o mercado financeiro. Certamente, não vamos esgotar a questão, mas é necessário apresentar alguns resultados, para isso é importante indagar até aqui: O lulismo foi capaz de dialogar e estabelecer um projeto político independente da elite do atraso? Ainda existe espaço para o lulismo no debate político brasileiro? Sim, e muito espaço, que continuamente se renova. Foram alguns destes questionamentos que nos deram uma luz e serviram de bússola ao conjunto da nossa pesquisa



e reflexão. A primeira constatação consiste na importância de compreender que o lulismo carrega dentro de si um marcado projeto de poder desde o viés eleitoral. Mas este projeto assume diferentes disfarces.

Uma das características mais notáveis do lulismo como construção política, como produto de propaganda e como ideia consiste na sua capacidade de dialogar e se fortalecer em meio as crises. Este, sim, é um fenômeno que precisa sempre ser analisado. Sem crise o lulismo se enfraquece. Sem a elite do atraso o lulismo não adquire potência. É no embate, que o lulismo se renova. O lulismo nunca ficou entrincheirado em seu mundo ideológico próprio. Por si só, a ideologia não representa um cárcere a este movimento político. Pelo contrário, as ideias e as formas de buscar consenso é sua marca mais profunda. No cerne do lulismo o fundamentalismo ideológico é fictício. O lulismo não se fortalece a radicalidade, o lulismo se fortalece no pragmatismo e no consenso. O lulismo não se fortalece com a ideia de fazer uma revolução. O lulismo se fortalece e se expande na base do jogo político eleitoral.

Desta maneira, o lulismo, foi capaz de construir uma ponte entre seu discurso de classe operaria e sua capacidade de diálogo com a elite do atraso. Os apaixonados marxistas que pretendem realizar a revolução não encontram forças nesta máquina do poder. A excessiva confiança na elite do atraso, porém, será a força e o motor do lulismo e que gerará valor e potência na sua existência. Fica difícil de determinar uma metáfora para descrever os diversos movimentos feitos para interpretar e descrever sua presença no cenário político brasileiro. Talvez, isso seja a arma mais valiosa que lulismo tem construído. A figura do Lula transcende a visão estreita dos seus possíveis opositores. Lula com suas contradições, pragmatismo e espírito negociador e consensuador é a alma viva deste movimento.

O lulismo alcançou e continuará alcançando vitórias eleitorais importantes ao longo deste processo de luta. Em primeiro lugar, isso se deve a que conseguiu estabelecer uma forte presença no imaginário da classe operaria brasileira. E, a partir desta realidade, expandiu sua força como símbolo de luta e libertação da opressão da elite liberal e neoliberal opressora. A figura de Luiz Inácio Lula da Silva encontra-se sobre constante simbiose. Ora, para se auto afirmar como ideia. Ora, como vítima de um estabelecimento construído historicamente pela elite do Atraso. A contradição é a alma e a vitamina do lulismo. Para compreendê-lo exige um



conhecimento histórico e sociológico prévio para captar sua amplitude, importância e até suas crises.

Mesmo tentando abolir o lulismo, a elite do atraso não consegue atacar o coração deste fenômeno. O custo político seria gigantesco, mas, morto o lulismo não está, e está em plena potência e valor no jogo político. Pensar nesta dinâmica abre espaço para imaginarmos que os próximos embates políticos terão na sua arena o lulismo, um tanto ferido, mas com grandes capacidades de mobilização e reação como já vem demonstrando. Lula, sempre explorou a força do seu carisma para fazer política, ora, para a esquerda, e, ora, uma estranha mistura entre esquerda e direita como está acontecendo na atualidade, sempre no campo que defende a democracia e se posicionando contra qualquer intento de autoritarismo. No xadrez estratégico do lulismo, o diálogo sempre ocupará um lugar de destaque e o xeque-mate será possível a cada movimento e jogada.

Todos os ataques e desgastes sofridos pelo lulismo na operação Lava Jato, estão começando a se dissipar, e, o discurso da elite do atraso, vai devagar, ficando nu, de uma forma até constrangedora. A receita falida do liberalismo e o neoliberalismo tropical começou a fortalecer novamente Lula, este, soube pacientemente, como bom estrategista, explorar as brechas que tinha nas mãos para desmontar a farsa construída pela elite do atraso para tirá-lo da disputa eleitoral de 2018.

A paciência e a perspicácia do líder Lula não se observam muito no espírito de seus correligionários petistas, muitas vezes com discursos reacionários e sem estratégias. O PT internamente não mostra muita simpatia a capacidade criativa e do poder pragmático do lulismo em construir um espaço de diálogo com seus históricos adversários. Por isso, existe uma dicotomia estratégica e formas diferenciada no fazer política entre o petismo e o lulismo. O que fica evidenciado é que o lulismo avança no fortalecimento de suas ideias e de suas estratégias pragmáticas que no mínimo pode ser considerado inovador.

A relação entre o lulismo e a elite do atraso será sempre uma relação conturbada, porém, inacabada. A história política brasileira nos mostra essa realidade. Cada nova etapa, revela uma novidade atual. O lulismo dos anos 2000 até o 2010, já não existe. Foi se reconstruindo a cada dificuldade enfrentada. O lulismo, pós eleição de 2018, já esta gerando



novas formas de análise da realidade. E o lulismo de 2022, ainda está em análise, os últimos movimentos de Luiz Inácio Lula da Silva demonstra essa capacidade pragmática inesgotável de se reconstruir, construindo novas forças no imaginário da política brasileira.

O lulismo e a elite do atraso estão em uma arena de novos confrontos e alianças, Lula e Alckmin representa está realidade na arena política brasileira, assim, como na arena da antiga Roma, os gladiadores buscavam alcançar sua liberdade por meio da luta corporal, aqui, a luta, esperamos não seja sangrenta, mas com estratégias bem elaboradas para produzir novas formas de compreender a realidade social e política brasileira. O lulismo e elite do atraso parece não dar trégua na busca constante de resignificar e atualizar seus propósitos eleitorais e conseqüentemente os seus projetos de poder.



REFERÊNCIAS

- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- PERISSINOTTO, R e CODATO, A (Orgs), *Como estudar elites*. Curitiba: Editora UFPR, 2015.
- SOUZA, J. *A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato*. Rio de Janeiro: Leya, 2017.
- SINGER, A. *Os sentidos do lulismo: reforma gradual e pacto conservador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- PERISSINOTTO, R. M; COSTA, L. D; MASSIMO, L. *As Elites Políticas: questões de teoria e método*. 2. ed. PR: Intersaberes, 2018.
- NUNES, W. *Análise da política brasileira: instituições, elites, eleitores e níveis de governo*. PR: Intersaberes, 2018.
- ANDERSON, P. (2011) **O Brasil de Lula**. Artigo. <http://www.scielo.br/pdf/nec/n91/a02n91.pdf>. Acesso em: 07 de janeiro. 2022.
- ANTUNES, R. (2017) **Fenomenologia do lulismo**. 03 de janeiro de 2017. São Leopoldo-RS Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/176-noticias/noticias-2007/566688-fenomenologia-do-lulismo-artigo-de-ricardo-antunes> Acesso em: 18 de janeiro 2022.
- ALVES, M. **Lula e o novo 'presidencialismo de conciliação'**. Artigo. Disponível em: <https://www.brasil247.com/blog/lula-e-o-novo-presidencialismo-de-conciliacao>. Acesso em 27 de janeiro de 2022.
- BORGES, A, & VIDIGAL, R. (2018). **Do lulismo ao antipetismo?** Polarização, partidarismo e voto nas eleições presidenciais brasileiras. *Opinião Pública*, 24 (1), 53-89. <https://dx.doi.org/10.1590/1807-0191201824153> Acesso em: 03 de fevereiro de. 2022.
- CONGRESSO EM FOCO.UOL. **PSB oficializa Alckmin como vice de Lula e petista defende aliança "para a democracia"**: <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/pais/psb-oficializa-na-alckmin-como-vice-de-lula-e-petista-defende-alianca-para-a-democracia/> : Acesso em: 08 de Abril de 2022.
- DE SOUZA, I. **Para além do lulismo**. Opinião. São Leopoldo-RS. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/607508-para-alem-do-lulismo>: Acesso em 22 de janeiro 2022.
- FURNO, J. **O impacto econômico da Lava Jato**. Artigo. Jornal Brasil de Fato. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/03/24/impactos-economico-da-lava-jato> Acesso em 28 de Abril de 2022.



JORNAL DIA A DIA, **Lula: “Minha candidatura é um movimento para reconstruir a democracia e a economia”**. Entrevista. Três lagoas-MS. Disponível em: <https://jornaldiadia.com.br/lula-minha-candidatura-e-um-movimento-para-reconstruir-a-democracia-e-a-economia/>. Acesso em 10 de março 2022.

RICCI, R. **Lulismo: três discursos e um estilo**. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ls/article/view/18849/14006> In Revista Lutas Sociais: n. 15/16 (2006): Governo Lula em questão, p. 171 – 183. Acesso em: 19 de fevereiro de 2022.

SINGER, A. (2018) **“Os miseráveis que receberam um auxílio se tornaram lulistas de carteirinha”**. 28 de junho de 2018. São Leopoldo-RS. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/580373-os-miseraveis-que-receberam-um-auxilio-se-tornaram-lulistas-de-carteirinha-diz-andre-singer>. Acesso em: 29 de janeiro de 2022.

SINGER, A. (2021) **Lula – o retorno do ostracismo**. Artigo de André Singer. 16 de março de 2021. São Leopoldo-RS. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/607539-lula-o-retorno-do-ostracismo-artigo-de-andre-singer>: Acesso em: 20 de fevereiro de 2022.

SOUSA, J. (2018) **'A esquerda foi singularmente incapaz e burra nessas eleições'**. Entrevista com **Jessé Souza**. 20 novembro 2018. São Leopoldo-RS. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/584753-a-esquerda-foi-singularmente-incapaz-e-burra-nessas-eleicoes-entrevista-com-jesse-souza> Acesso em: 28 de fevereiro de 2022.

POCHMANN, M. (2017) **O modelo desenvolvimentista é um projeto inconcluso**. Entrevista especial com **Márcio Pochmann, 05 de outubro de 2017**. São Leopoldo-RS Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/547577-o-modelo-desenvolvimentista-e-um-projeto-inconcluso-entrevista-especial-com-marcio-pochmann>. Acesso em: 02 de março. 2022.

Recebido: 16/05/2022

Aprovado: 15/06/2022